



EMMA OU O AMOR INFELIZ. UM EPISÓDIO DE CÓLERA NO QUÉBEC EM 1832

EMMA OU L'AMOUR MALHEUREUX. UN ÉPISODE DE CHOLÉRA AU QUÉBEC

**Ulric-Joseph Thessier
(1817-1892)*
Leila De Aguiar Costa****

* "Ulric-Joseph Thessier nasceu no Québec, em 3 de maio de 1817. É filho de Michel Thessier, um comerciante, e de Mariane Perrault. Formou-se em direito em meados do século XIX, obtendo seu doutorado na Université Laval em 1855. Foi conselheiro da Rainha em 1863 e, em 1875, tornou-se juiz na Corte real. Entre 1846 e 1853, foi prefeito de Québec, período em que se realizaram as obras de instalação do aqueduto e dos esgotos e asfalto das ruas. Preside de 1862 a 1863, o comissariado das Obras Públicas. Paralelamente à prática da advocacia e à sua carreira política, Thessier será até seu falecimento professor de Direito civil na Université Laval, da qual se torna seu reitor em 1873". Informações recolhidas junto ao site <http://www.patrimoine-culturel.gouv.qc.ca/rpcq/detail.do?methode=consulter&id=9300&type=pge#.XqhOYilKh0w>. Acessado em 28/04/2020.

** leila.aguiar@unifesp.br
Professora Adjunta IV do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

RESUMO: *Emma ou o amor infeliz. Episódio de cólera no Québec em 1832*, título do conto publicado pelo jurista, professor de Direito e prefeito da cidade do Québec em princípio do século XIX, o canadense Ulric-Joseph Thessier, é narrativa que encena o flagelo que acomete uma comunidade quebequense em geral e uma família abastada em particular. Suas poucas dez páginas representam os horrores advindos do cólera que, flagelo mal administrado pelas autoridades locais, ataca diversas classes sociais, sem distinção. A anedota que emoldura o conto conta o fracasso da paixão amorosa do casal Emma e Eugène, pois que o cólera atinge a jovem e conduz a um desfecho irremediável e bastante trágico.

RÉSUMÉ: *Emma ou l'amour malheureux. Épisode de choléra au Québec en 1832*, titre du conte publié par le juriste, professeur de Droit et maire de la ville du Québec au début du XIXe siècle, le Canadien Ulric-Joseph Thessier, est la mise en scène narrative d'un fléau qui s'attaque à une communauté québécoise en général et à une famille en particulier. Ses quelques dix pages représentent les horreurs survenues avec le choléra, fléau mal géré par les autorités locales, qui atteint sans distinction plusieurs classes sociales. L'anecdote qui sert de cadre au récit raconte l'échec de la passion amoureuse du couple Emma et Eugène car le choléra fait de la jeune femme sa victime et ramène à une fin fort tragique.

**NOTA INTRODUTÓRIA A EMMA OU O AMOR INFELIZ.
UM EPISÓDIO DE CÓLERA NO QUÉBEC**

Profa. Dra. Leila de Aguiar Costa

Publicado originariamente no *Télégraphe*, jornal essencialmente dedicado à literatura, em suas edições de 1º e 3 de maio de 1837, o conto *Emma ou um amor infeliz. Um episódio de cólera no Québec* é uma narrativa que encena a trágica paixão amorosa de dois jovens quebequenses. Por isso mesmo, reconhecem-se ali certos estilemas poéticos do que chamarei uma patética à beira das lágrimas. De fato, essa breve narrativa, de cerca de 10 páginas, recorre a uma linguagem permeada de figuras de retórica, que alguns retores dos séculos XVIII e XIX chamam de *ponto patético* – como a Exclamação e a Interrogação, presentes aqui nos momentos do discurso direto –, e de certos signos de pontuação que buscam dizer o indizível, isto é, o sofrimento e a morte. Tratar-se-ia, faço a hipótese, de escapar à tentação do silêncio e, por conseguinte, de contornar o fracasso mesmo da linguagem diante da dor. É como afirma David Le Breton:

A dor provoca o grito, a queixa, o gemido, as lágrimas ou o silêncio, isto é, tantas falhas da palavra e do pensamento: ela rompe a voz e a torna irreconhecível (LE BRETON, 1995, p. 39; tradução minha).

Não surpreende, pois, que *Emma* se inscreva em certa tradição literária herdada do século XVIII que inventa a linguagem do *páthos*, opondo-se à língua dos corações e dos afetos frios e secos. Compõe-se a partir daí toda uma cena do *patético*, resultado dessa poética da infelicidade assombrada pela tensão entre duas forças, a vida/o amor e a morte.

Que me seja permitido descrever brevemente, a respeito dessas forças tensivas, a organização escritural de *Emma*. Logo à entrada, a voz narrativa enuncia uma série de interrogações que delineiam o cenário de desolação e de morte – e a imagem da “carroça” que encarcera o contágio, ali dando em “espetáculo” os corpos mortos, é das mais paradigmáticas – provocadas pelo surto de cólera que assola o Baixo-Canadá. Vale observar que o emprego da interrogação não é inequívoco, pois que se oferece como *motus* do patético que interpela os afetos não apenas do individual, mas, sobretudo, do coletivo. Em seguida, como em um momento de trégua, abre-se uma cena privada, aquela da família Dornière, “família feliz” que parece estar sob a proteção de bons auspícios e para a qual tudo parece sorrir. Ali evoluem Emma Dornière e Eugène, noivos cujo casamento se aproxima. Estão aí então figurados, ao início do conto, a Morte e a Vida, o Flagelo e o Amor. Tudo o que se seguirá, e que

é desencadeado pela visão de “uma carroça semiaberta” a carregar um moribundo, do enegrecimento do céu, de raios e de trovões, do incêndio que destrói a casa da família Dornière encena o terror da Morte que caminha a passos largos e rápidos: morte do(s) sujeito(s) sem nome da “carroça fúnebre”, morte da senhora Dornière, morte de Emma e, ao final, morte de Eugène... O tom é doravante funesto, lúgubre e macabro até a cena conclusiva, em que são descobertos, lado a lado, na mesma cova, os corpos de Emma e de Eugène, que fora “sepultar-se” junto à noiva. Tom, ainda, abertamente patético – e deve-se entender o patético como

qualidade do texto ou da representação [...], modo de recepção que provoca a compaixão [...] Ele figura como um dos ingredientes do sucesso emocional e/ou comercial (PAVIS, 1980, p.2 45; tradução minha).

É esse patético que a tradução que ora se propõe procura restituir. Para tanto, toma-se como moldura teórica a proposta de Pascal Quignard enunciada em *Le nom sur le bout de la langue* sobre o ato de “escrever” – que aqui me permito substituir pelo termo “traduzir” –:

“[traduzir] é ouvir a voz perdida. É ter tempo para encontrar a palavra do enigma, de preparar sua resposta. É procurar a

linguagem na linguagem perdida” (QUIGNARD, 1995, p.94; tradução minha).

Essa voz e essa linguagem perdidas devem “acontecer” — e emprego o termo “acontecer” no sentido de uma fulguração, de uma maravilha, de um reencontro que enfim se efetiva. Ainda nesta mesma chave, leia-se com proveito a seguinte passagem:

O tradutor é, inicialmente, um leitor, bilíngue mais do que unilíngue, mas, mesmo assim, leitor. E o espaço que deve ser habitado pelo leitor, isto é, pelo texto, mas também o espaço reproduzido a partir daquele do autor, o espaço imaginado, etc., é igualmente aquele do tradutor. É fato que quando o leitor é um tradutor, o espaço por ele ocupado pode ser mais amplo, ou talvez mais restrito, do que quando ele é um simples leitor — segundo o sentimento de liberdade ou de limite que lhe concede o fato de traduzir o texto (JOLICOEUR, 1995, p.17)

Essa passagem, emprestada de um teórico contemporâneo da tradução, permite justamente entender e restituir aquele patético que a recepção acolhe, que o leitor da trama do literário movimenta e atualiza. Pois que não é possível pensar o literário, e a tradução literária, sem a participação desse leitor que, no final das contas, confunde-se hipoteticamente e genericamente com o tradutor.

Ato de ler o poético e ato de traduzi-lo dialogam estreitamente. Um e outro são práticas significantes que acolhem e se apoderam da voz e do saber do Outro, devorando suas palavras, ingurgitando-as, deixando-se *com-mover* por elas, identificando-se com elas até que se tornem suas. Além disso, e se é necessário pensar uma relação entre estudos literários e estudos tradutológicos, talvez se pudesse concluir com a convicção de Jean Rousset, teórico da literatura (francesa) que pensa que

o leitor [e aqui se diria então o tradutor] se instala na obra para seguir os movimentos de uma imaginação e os desenhos de uma composição” (1995, p.XIV).

Fica, pois, aqui o convite para que se leia *Emma ou o amor infeliz. Um episódio de cólera no Québec* como uma *performance*, a um tempo de leitura, de tradução e de recepção que a todos envolve.

LAST BUT NOT LEAST

Vale observar que o conto oitocentista de Ulric-Joseph Tessier dá conta de seus engajamentos e de suas perspectivas sobre urbanização e saúde públicas — como se pode ler na nota 1 graças à sua biografia. E aponta, sobretudo, para as terríveis consequências que atingem a comunidade quando, sem organização e sem prudência,

abate-se sobre ela um flagelo contagioso. Tempos oitocentistas sombrios que ecoam de modo inquietante sobre a contemporaneidade brasileira (e mundial) atingida por novo flagelo, aquele do Coronavírus.

I

Emma ou o amor infeliz. Um episódio de cólera no Québec.

“Nesses tempos de desolação e de luto geral para sempre gravados em nossa memória, quando o cólera apareceu na capital do Baixo-Canadá, quais cenas comoventes de dor ofereceram-se aos nossos olhos? Quem não sentiu seu coração enternecido à vista desses infelizes que, deixando sua pátria para buscar repouso e vida em uma região estrangeira, ali encontraram apenas o perigo e a morte? As lágrimas ainda correm ao se ouvir a história da miséria dessas famílias chorosas que, após penosa viagem por um mar tempestuoso e pleno de armadilhas, tornavam-se ao término de seu périplo tristes vítimas do flagelo reinante. Choremos pelo seu destino, nós que fomos poupados pelo anjo exterminador, nós a quem cabe o cuidado de publicar a história desses infortúnios. Que pluma poderá traçar dignamente os avanços do contágio que atacou a inocência e a felicidade, que se introduziu no seio das famílias tranquilas e desarmadas e ali espalhou o terror e a morte? Quantos órfãos lançados no

abismo da vida sem socorro, sem conselho! Qual será o quinhão daquela moça privada dos autores de seus dias, daquela jovem esposa abandonada em um país longínquo, sem apoio, sem amigos, em meio às perversidades da cidade? Os gritos da amizade, os gemidos do amor ainda se fazem ouvir em nossos ouvidos e carregam o tributo de suas lamentações sobre o túmulo dos mortos. O homem sensível aos males de seus semelhantes não recusará uma lembrança, afastada dos anais desses tempos deploráveis, que a ele hoje apresentamos.

Foi então que um ministério público pouco lúcido, em vez de tomar alguma medida para afastar o contágio, deixava passear as vítimas da doença de uma extremidade a outra da cidade. O plano de defesa adotado era a escolha de um hospital situado no meio do arrabalde mais populoso da cidade. Era incontornável transportar os doentes, a partir do lugar de desembarque, passando pelas ruas mais frequentadas e deixa-las semimortas no local que lhes era destinado. Era como se se desejasse oferecer o espetáculo do flagelo e, antecipadamente, instruir-nos sobre todos os seus sintomas. Eram sábias essas medidas contra uma doença que se dizia contagiosa? É insensato acreditar que se pode encarcerar o contágio em uma carroça, à semelhança de um leão em sua jaula! O cólera, assim transportado em sua carruagem triunfante,

já causava terríveis devastações e espalhava por todos os cantos terror e morte. Esse era o estado deplorável de nossa cidade quando o que iremos contar nos dará um exemplo gritante das vicissitudes humanas.

*

No centro da cidade vivia o senhor Dornière com sua querida esposa e uma filha, único e terno fruto de seu amor. Essa família feliz vivia das rendas de uma grande fortuna conquistada no comércio a que se dedicara, desde a infância, o senhor Dornière. Tratava-se de um homem dotado de todas as qualidades próprias para dar alegrias à sociedade que o cercava. Generoso e sensível, benevolente e divertido, pensando apenas em fazer o bem, ele gozava tranquilamente do fruto dos esforços de sua juventude. Aliás, unido a uma esposa que apresentava qualidades de alma e graças do corpo, ele não poderia ser infeliz. Emma (nome de sua filha), objeto dos mais ternos cuidados de seus pais, havia crescido sob a proteção da virtude e da inocência. Nascida com todos os dons que a natureza se compraz a prodigar às suas criaturas favoritas em seus dias de magnificência, ela parecia um anjo posto na terra: os brilhantes ornamentos do espírito casavam-se nela com as mais raras qualidades do coração. Mal completara vinte anos, seu porte elegante, seu ar de melancolia,

seus belos olhos negros que respiravam uma língua plena de amor haviam atraído para si um jovem de mérito, que cativava toda sua atenção. Seus pais entreviam com prazer a esperança de uma aliança tão favorável e com empenho a favoreciam. Tudo parecia prometer aos dois jovens enamorados um futuro de felicidade e de glória.

Para eles, cada dia se anunciava claro e sereno; a chama que queimavam um pelo outro era uma chama eterna que nada poderia apagar. Assim, tudo protegia seu amor e concorria para erigir sobre bases sólidas o soberbo edifício de sua felicidade. A época das bodas estava bastante próxima, quando o flagelo exterminador fez sua aparição. Foi uma consternação geral. Os pais da jovem ficaram particularmente aterrorizados. Lançando um olhar para trás e considerando a longa sequência de anos em que haviam conhecido uma perfeita harmonia, pareciam entrever a aurora do triste dia em que a tempestade sucederia à calmaria, onde aquelas flores que voltaram a verdejar durante uma longa primavera iriam para sempre desabrochar, onde a morte viria bater à sua porta. A senhora Dornière, sobretudo, sentia palpitar seu coração a cada notícia das mortalidades incontáveis que eram anunciadas. Mesmo pessoas renomadas já haviam sucumbido, vítimas do flagelo; o comércio enfraquecia,

as lojas fechavam em diversos locais e os jornais não traziam senão os avanços aterradores da doença.

II

Entretanto, a jovem Emma, no seio da tempestade que retumbava em torno dela, parecia tranquila e sem inquietação. Com paz na alma, com doçura no rosto, passava seus felizes dias em conversas com seu fiel noivo. Eugène (era seu nome), que nunca havia sido perturbado pelo medo, via a morte com temor apenas quando pensava em sua terna Emma. Temendo que o pavor a invadissem, parecia ainda mais espirituoso; não deixava de propor jogos e prazeres para divertir seu espírito naturalmente voltado à melancolia.

Era um daqueles belos dias de verão, notáveis por sua seca. Ele lhe fez a proposta de um passeio ao campo, à casa de uma tia que costumavam visitar. Com o consentimento dos pais, decidiram-se pela viagem.

Partiram por volta das onze da manhã. Desfrutavam antecipadamente do prazer que a vista dos campos lhes concederia, em um tempo em que o calor e a poeira fazem da estadia nas cidades algo pouco agradável. Emma experimentava daquela calmaria da alma tão necessária nesses momentos de desastre. Eis que subitamente uma

flecha envenenada atinge-a em pleno coração. A visão de uma infeliz vítima, já nas convulsões da doença e carregada em uma carroça semiaberta com a qual cruzaram em uma rua da cidade, levou o veneno do terror ao espírito da jovem. À vista daquele objeto de dor, seu coração estremeceu. O tremor envolve todos os seus membros e a palidez de seu rosto indica toda a agitação de sua alma. Ah! eram os tristes augúrios das infelicidades que se conjuravam em sua cabeça. Eugène tenta, em vão, distraí-la daquele funesto pensamento, a flecha havia já avançado demais; e a ferida era mortal. Emma permaneceu triste durante todo o resto do dia. Assim se vê uma corça tímida, quando o ferro mal manipulado do caçador atinge seu flanco: ela carrega a arma do caçador pregada às suas carnes, adentra na floresta espessa; leva em seu seio o germe da morte, e a ferida, leve que era, enfraquecendo as forças da vítima, causa enfim sua total destruição.

Enquanto isso, os cavalos, dóceis ao chicote de seu mestre, levavam com rapidez seu leve fardo, deixando atrás de si o objeto do triste pensamento. O campo já se oferece aos olhos dos noivos; um ar mais fresco, as flores dos campos, os animais que saltitam pelas colinas, o canto melodioso dos pássaros, em uma palavra, toda a natureza reunida parecia celebrar a presença deles e

lhes oferecia suas mil belezas. Mas a tristeza de Emma não desaparecia.

Logo se chegou ao final do percurso. A tia os acolheu em seus braços e os recebeu com grande alegria. Depois de uma refeição campestre em que a frugalidade se unia à abundância, foram a um jardim magnífico respirar por um momento o perfume das flores. Ao final de uma longa alameda, elevava-se um recanto formado por uma vinha que se entrelaçava afetuosamente a um majestoso olmo que, caíndo de certa altura, formava um local encantador que protegia dos raios abrasadores do sol. Bancos de grama, cultivados no interior, convidavam ao repouso. Um riacho límpido corria atrás e um leve ruído de seu curso, misturado ao canto dos pássaros dos arredores, dali fazia um pequeno éden de delícias.

Uma atração invencível levou os dois enamorados a gozarem dos encantos da solidão. Mas Emma continuava inquieta. Às palavras afetuosas de Eugène, ela respondia apenas com suspiros, ela que tanto apreciava saborear as delícias de expandir os segredos de seu coração naquele de Eugène.

— Emma, dizia este, que terror infeliz apoderou-se de você! Seu rosto está pálido, sua mão está trêmula!

— Se você soubesse, respondia ela, os pressentimentos de minha alma! Desde que vi aquela infeliz cruelmente embalada naquela carroça fúnebre, sua imagem continuamente me persegue. Estamos ao abrigo do contágio mais do que os outros? Quem sabe? Amanhã talvez seja nossa vez de fazer a viagem naquela carroça.

— Cara Emma, retrucou o jovem, deixando cair sua cabeça sobre os joelhos de sua amada, por que perturbar seu espírito com ideias tão cruéis? Não creia que a doença possa ser comunicada; se isso fosse possível, o comitê de saúde, do qual participam até mesmo pessoas da arte, faria passar pelo centro da cidade e pelas ruas mais frequentadas, os infelizes atingidos pelo cólera? Sem dúvida não, isso seria uma medida muito imprudente e muito bárbara. Que a paz renasça em seu coração; deixemos de lado esses tristes discursos. Quantos encantos esses lugares nos oferecem! como seríamos felizes...

— As horas correm rapidamente, Eugène, quando estamos sós. Partamos. Junto à minha mãe alimentaremos nossa felicidade. Já é tarde.

— Seus desejos são minhas leis; você sorri, eu agradeço o céu por isso; e essas árvores verdejantes foram as únicas testemunhas de nossas juras.

Foi assim que Eugène tentou novamente acalmar o coração apavorado de sua amada. Esforços inúteis! discursos supérfluos! O destino havia pronunciado sua sentença. Seus nomes estavam inscritos em cartas negras nos registros da morte.

III

O sol já havia percorrido dois terços de sua viagem quando os dois jovens amigos se puseram a caminho. Em sua quase metade, o céu subitamente pôs-se a escurecer; o calor era acachapante, as flores secavam até às raízes, o zéfiro havia se retirado em direção das montanhas, colunas de poeira elevavam-se nos ares e o astro do dia, escondido pelas nuvens, não mais se mostrava senão por intervalos. Ah! que presságios terríveis para a tímida Emma, preocupada com suas tristes reflexões.

— Você vê, diz ela, aquela nuvem terrível que avança acima de nossas cabeças? Ela carrega em seu interior o trovão e a morte; por que não estamos em casa!?

— O que tem a temer, Emma, quando estou perto de você? As nuvens correm em direção ao oeste e chegamos...

— Sinto-me mais feliz quando estou ao seu lado. Mas quem não tremeria? Você ouve o ruído surdo e lúgubre

por detrás dessa nuvem tão negra? Olhe, ela já cobre a cidade com sua sombra funesta!...

No mesmo instante, um terrível estrondo de trovão atingiu seus ouvidos; a seus olhos, os elevados campanários das igrejas revelam-se de tempos em tempos em razão dos longos rastros de luz provocados pelos relâmpagos cor de sangue; a chuva cai por torrentes; os cavalos fazem voar a lama sob seus passos rápidos. Eugène, abraçando sua companheira contra si, cobre-a com seu casaco. Seu olhar, brilhante à vista dos perigos, parece desafiar todos os elementos conjurados contra Emma, e o raio não chegou a ela senão depois de inicialmente atingi-lo. A distância era curta e logo se avistou a casa do senhor Dornière. Que visão! Que chegada! Façam meia volta, criaturas infelizes! as dores, as queixas, os gritos lúgubres, a morte tomaram seu lugar! Por que se apressam para ir ao seu encontro?!

Naquele momento, o reduto da felicidade e da inocência havia sido invadido por seus inimigos e dominado pelos gritos e pelas lágrimas; a morte lutava com a vida; o flagelo, que até então havia respeitado aquele nobre refúgio, acabava de entrar pela soleira. A senhora Dornière era sua vítima. Em vão foram empregados todos os aparelhos da arte, em vão se usou de todos os segredos dos

charlatães, o fogo já devorava todo o edifício que ameaça se arruinar. É esse quadro fúnebre que se oferece aos olhos apavorados de Emma. Ela treme, ela lança profundos suspiros, ela corre em direção de sua mãe, abraça-a demoradamente e desmaia a seus pés...

Soou a hora fatal. A senhora Dornière já foi invadida pelo frio da morte, seus olhos úmidos abrem-se por um momento para se voltarem em direção de sua filha, estendida a seus pés; voltam-se em seguida para o céu e se fecham para sempre. Emma foi levada para seus aposentos e somente ao final de algumas horas recuperou os sentidos. Que crise para um jovem noivo que via vida apenas na vida de sua noiva querida, que via partir em um piscar de olhos anos de felicidade! Ele se perturba, geme, parece um momento desprovido de todo sentimento e erra como um insensato em seus vastos aposentos. Eugène não pode resistir a esses golpes, mais fortes para ele do que o raio que acaba de rebentar; ele cai quase sem vida ao lado da cama de sua bem-amada.

IV

Entretanto, não se podia demorar a enterrar o corpo da senhora Dornière, único resto de tanta graça, de espírito e de virtudes. Em outros tempos, a abóbada de uma igreja teria sido aberta com grande pompa para receber

as cinzas preciosas dessa mulher virtuosa. Mas as igrejas rejeitavam em seu seio as vítimas do cólera e uma nova terra aberta extramuros e longe das habitações havia sido escolhida para esse fim. Foi para esse local que o cortejo fúnebre caminhou.

O senhor Dornière, que não se teria reconhecido tanto estava desfigurado, seguia, apoiado por Eugène, em um silêncio lúgubre, a urna solitária. Alguns poucos amigos íntimos seguiam o cortejo. Que multidão não teria sido vista a segui-lo dois meses antes! Nesse reino de confusão e de luto esquece-se dos parentes e dos amigos; não se ouve senão o ruído, noite e dia, dos carros que transportam os mortos e os moribundos, os médicos e os ministros da religião.

O caminho do cemitério é a estrada mais frequentada. A cada dia que passa, os caixões não são suficientes para esconder os mortos. Eles são colocados uns sobre os outros. As fossas são até mesmo pouco profundas para esconder dos vivos esses deploráveis e tristes frangalhos de nossa miserável humanidade.

Um braço de ferro que nada pode parar parecia pesar sobre nossas cabeças e cobrir nossa cidade infeliz de feridas que sangram ainda hoje.

Emma, entregando-se às suas dores, e plenamente habitada pela ideia da perda que acabava de experimentar, não conseguia se consolar e recusava quaisquer alimentos. A seus tormentos acrescentava-se o terror do contágio que lhe pintavam as convulsões e a morte a seu lado. Já o amargor das lágrimas havia deixado em seu terno rosto longas marcas de dor. Seu temperamento, desacostumado com essas tempestades, não podia resistir a tantos golpes redobrados. Seu pai, gelado de terror, arrastava-se em dias lânguidos e não via senão tremendo todos os objetos de sua casa, objetos que lhe traziam tão cruéis lembranças.

Eugène, ao lado de sua noiva, dirigia-lhe as mais doces consolações que a ternura de seu coração podia oferecer. O que teria ele feito para trazer à vida o objeto das lágrimas de Emma! Certa noite (a terceira após a morte da senhora Dornière), Emma, que não podia dissimular seu terror, apertou Eugène contra si, prodigando-lhe toda sua afeição. As mais comoventes palavras saíam de seus lábios febris.

— Ah, dizia ela, o que é a vida? Um fantasma, um devaneio amargo que desaparece! Minha querida mãe... e deixava correr uma torrente de lágrimas. Deixando cair

sua cabeça sobre os ombros de Eugène, ela pareceu experimentar um momento de repouso.

Novos encantos revelam-se ao olhar furtivo e apaixonado! Momentos de êxtase! Momentos de felicidade inexprimível! Subitamente, a infeliz levanta-se languidamente e lança a seu redor olhares brilhantes:

— Onde estamos? disse ela, uma ideia cruel me atormenta e me persegue...

— Descanse sem temor, conte com o sangue que corre em minhas veias, quero viver apenas para você...

— O que podemos? Uma inteligência divina, senhora de nossas vidas, delas dispõe como quer; submetamo-nos a seus decretos; que o céu seja nosso único desejo! A morte isolou-me sobre essa terra somente para melhor me fixar.

— Você me faz estremecer, responde Eugène; que palavras sinistras! Que a noite lhe traga repouso! Retiro-me, já está tarde, adeus!

Uma nuvem sombria e lúgubre acabava de passar sobre esse casal desafortunado e suas mãos trêmulas quase

não conseguiram se separar. Um secreto pressentimento os advertia que lá faziam suas últimas despedidas. O céu havia resolvido espalhar a consternação por aquela família, e a morte, seu cego e cruel mensageiro, confundia sob seus golpes a inocência e o crime.

V

Há na vida acontecimentos que os mais sublimes gênios não podem contemplar senão com um olhar incerto e aterrorizado. A natureza se compraz a se subtrair à fraca inteligência do homem para lhe mostrar sua fraqueza e força-lo a levantar os olhos em direção de seu Criador. As maiores tristezas tomam o lugar, com a rapidez do raio, dos breves momentos de felicidade e mostra em um terrível dia o quadro da vida humana. Eugène, entregue a suas infelicidades, com o espírito totalmente pleno de temor quanto ao futuro de sua bem-amada, que acaba de deixar em hora bastante adiantada, passeava em seu quarto, esperando com ansiedade pelo amanhecer para voltar à casa do senhor Dornière. O sono estava longe de suas pálpebras, apesar de suas vigílias e suas aflições. “Cara Emma, dizia-se ele, em que estado a deixei? Que palidez mortal em seu rosto! Que amoroso olhar! Oh, criatura adorável! que eu possa com meu próprio sangue trazer tranquilidade a seu coração!” Em seguida, Eugène soltava profundos suspiros e tremia de todos os seus

membros. Ele contemplava com um olhar perdido a chama azul de seu candelabro, cuja pálida e moribunda luminosidade se refletia nas tapeçarias de seu aposento e ele a comparava à imagem da agitação de sua alma. E logo retomava: “Que ilusões me cercam! o horror, o temor, a debilidade, a tristeza, tudo isso não conduz à doença! Se preciso fosse... cruel ideia. Seria aí o fim de minha vida! Sim, o sol que iluminará seus últimos momentos luzirá em seu ocaso deitando-se sobre meu túmulo”.

Essas eram as cruéis agitações em que se debatia Eugène como um criminoso que sacode as correntes. O desespero invadiu sua alma e, sucumbindo ao peso de suas emoções, deixou-se cair sobre sua poltrona. Nesse instante, o sono desce sobre suas pálpebras e os sonhos rodopiantes vêm repousar sobre seu rosto abatido pela vertigem. Sua imaginação atormentada representa-lhe a morte e os túmulos; no meio desse tumulto, pensa ver sua bem-amada em todo o esplendor de seus encantos: ela aparece a seus olhos voluptuosamente estendida em seus braços, pensa percebê-la nas convulsões da doença reinante; ela lhe endereça o mais terno adeus, escapa de seus braços e voa para o céu que se entreabre para recebê-la. Eugène estava assim embalado nos braços dos sonhos, alimentados pela fermentação excessiva de seu cérebro, quando se ouviu uma batida à porta.

— Senhor, disse-lhe um serviçal ao entrar, o senhor está sendo chamado com urgência à casa do senhor Dornière.

Tais palavras tiveram o efeito de um raio sobre Eugène. Ele parte, ainda dominado pela perturbação. Que quadro terrível se apresentará a seus olhos! Oh Providência! Que seus desejos sejam envolvidos de mistério! Por que assim atacar a virtude e a inocência!? No momento em que deviam levar aos lábios o cálice da felicidade humana, você se compraz a confundi-los cruelmente! A terra estava muito manchada para levá-los a seu seio!

Nesse momento, a senhorita Dornière tornara-se presa da doença; a arte de Hipócrates e todos os seus segredos são impotentes contra os avanços do mal. A jovem virgem sente-se desfalecer, o veneno penetrou em seu seio, seus membros tremem, seus nervos se contraem, a lividez se espalha sobre seu rosto, todos os sintomas de uma morte próxima pairam sobre sua cabeça; ela chama por seu pai, ela pede Eugène. É então que ele chega; seus olhos estão perdidos, sua figura é a imagem viva do desespero, suas pernas fraquejam contra sua vontade. Ele cai aos pés de Emma, que lhe estende a mão. A tranquilidade parece então renascer sobre seu rosto:

— Querido Eugène, diz a ele, morro, console-se, vou encontrar minha mãe. O Eterno rege nossos momentos segundo seus desejos. Infelizmente, eu esperava usufruir da vida e eu a teria dedicado a você! Perto de você eu encontraria a coroa da felicidade, mas o céu desejou diferentemente. Levada por uma determinação fatal, choro nossa cruel separação; mas um pensamento secreto de meu coração me grita que, um dia, nós nos reuniremos na região celeste. Viva feliz, que a virtude seja sempre sua guia, enxugue suas lágrimas... sinto-me desfalecer... Céus!

De joelhos à cabeceira de sua cama, Eugène cobre de beijos a terna mão de sua noiva, que já se resfriara. Emma dá adeus a seu pai, e voltando os olhos para o céu, endereça ao Eterno sua última prece.

Nesse momento, seu rosto brilha, uma luz pálida parece se refletir em seus traços... ela expira! Eugène cai sobre o chão, mais morto do que vivo. Ele não iria sobreviver à sua bem-amada, a quem consagrara o resto de seus dias. Aliás, a natureza tinha poderes de resistir a choques tão terríveis?

VI

Era preciso prestar os últimos serviços à desafortunada com aquela funesta prontidão requerida pelas regras.

Uma magnífica urna recebeu seu corpo, que trajava suas mais belas vestimentas e suas mais preciosas joias. O senhor Dornière, após ter visto assim todos os objetos de sua afeição enterrados sob a terra, pensou estar só no universo. A vista de sua casa tornou-se para ele insupportável, dedicou-a então ao silêncio e ao abandono. Tendo deixado a Eugène lembranças inequívocas de sua amizade, embarcou para a Europa já no dia seguinte. Eugène, triste e silencioso, recusando quaisquer alimentos, presentiu que seu modo de viver certamente o levaria à ruína. Diversas vezes, em crise de suas dores, tomou de seu punhal para desferir um golpe ao coração. Mas uma ideia de religião o detinha e lhe dizia para esperar os decretos de Deus sobre seu destino. Para ele, a noite era tão triste quanto o dia, o sono não mais repousava sobre suas pálpebras. Os pensamentos transcorriam sem nexo em seu espírito perturbado quando, subitamente, uma ideia terrível pareceu-lhe cair do céu. No silêncio das trevas, ele dirigia-se ao jazigo de sua noiva e, com a ajuda de uma escada de cordas que carregava, escalava a muralha do cemitério. Ao chegar ao local onde repousavam religiosamente os restos da desafortunada, ele joga-se à terra e a rega com suas lágrimas; invoca a morte, chama aos gritos o nome de sua amada:

— Emma! Emma! Exclama ele aos prantos, socorra-me, suplico-lhe, e você não ouve minha voz! Como posso suportar a vida sem você? Se você me visse fraco e desencarnado como estou! Você me disse que nos reuniríamos no lar dos anjos. Ah! Assim o desejo, sim, para não mais deixá-la. Oh Deus! suplico-Lhe! Atingi vosso indigno servidor; arrancai dele o último sopro de vida; sim, assim espero, a divindade ouvirá minha prece, meu corpo repousará perto do seu, e, reunidos na terra, estaremos reunidos nos céus; quero ser enterrado a seu lado.

Seu corpo tremia e estava devastado como se um pesado fardo tivesse sido colocado sobre seus ombros. Foi então que um gemido semelhante ao queixume de uma vítima que cai sob a foice sanguinolenta, chegou a seus ouvidos. Ele estremeceu... O que ouviu ele? Que voz é essa saída do seio da terra? Ele está só, em meio às trevas, junto aos mortos que são as únicas testemunhas; altas muralhas o separam do resto dos humanos. Um cruel presentimento o domina. Seria a voz de Emma? Reunindo o restante de suas forças, retira o pouco de terra que cobria o caixão. Sua mão, totalmente ensanguentada, arranca com força a tampa da urna que já estava entreaberta. O que vê ele? Emma, Emma, exclama ele, caindo sobre seu cadáver e abraçando-o com todo o ardor dos abraços de um moribundo. As joias haviam caído dos dedos da

noiva desafortunada, suas vestimentas rasgadas, seus braços devorados, seu seio ferido. Eugène estava muito fraco para suportar o horror de tal espetáculo. Sua prece havia sido ouvida! O sol já aparecia no horizonte por entre as sombrias nuvens e lançava uma luz incerta para dar a ver aos humanos aquela cena de horror quando o vigia do cemitério chegou e encontrou aquele jovem infeliz, privado de vida e envolto nos braços do cadáver de uma jovem. Ele recua de terror e chama seus colegas, que se aproximam:

— Venham ver a infeliz que enterramos há alguns dias; ela não estava morta!

— Ela havia tomado ópio, responde um deles, vejam como rasgou suas belas vestimentas quando acordou.

— Mas, e ele? Retoma o vigia; é aquele jovem que acompanhava o cortejo! Vejam o que é o amor: ele veio sepultar-se junto a sua bem-amada. Corra, Jacques, vá dizer isso ao Sr..., que ele chame os concernidos.

À notícia, os pais de Eugène, mergulhados no luto, ordenaram novas cerimônias, e os noivos foram enterrados no mesmo jazigo.

É a esse jazigo que algumas vezes acorrem os apaixonados infelizes para depositar flores: triste lembrança de uma época que deixou marcas de dor em quase todos os corações! Possa o céu ferido com tantos males nos poupar de novos ataques de um flagelo que ainda hoje faz sentir sua violência no velho mundo!”

--

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOLICOEUR, Louis. **La sirène et le pendule. Attirance et esthétique en traduction littéraire**. Québec: Ed. L’instant même, 1995.

LE BRETON, David. **Anthropologie de la douleur**. Paris : Métailié, 1995

PAVIS, Patrice. **Dictionnaire du théâtre**. Paris: Dunod, s.d.

ROUSSET, Jean. **Forme et signification**. Essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel. Paris: José Corti, 1995

QUIGNARD, Pascal. **Le nom sur le bout de la langue**. Paris : Gallimard, 1995

THESSIER, Ulric-Joseph Thessier. Emma ou l’amour malheureux. Un épisode de choléra au Québec. Disponível em : https://books.google.com.br/books?id=fctBxSzRol0C&pg=RA1PT11&dq=%22Emma+ou+l%27amour+malheureux%22&hl=ptBR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q=%22Emma%20ou%20l%27amour%20malheureux%22&f=false). Acesso em 25/05/2020.

Recebido em: 11/09/2020.

Aceito em: 26/03/2021.